

REALIDADE VIRTUAL E CIBERINFÂNCIA: CAMINHOS PARA A (DES)CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO

Gabriel L. da Silva¹, Douglas E. Batista²

1. Estudante da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE-USP)
2. Professor doutor da FE-USP – Departamento de Filosofia da Educação e Ciências da Educação/Orientador

Resumo

Neste trabalho procuramos investigar o lugar e as condições da (des)constituição da subjetividade na realidade virtual a partir de uma perspectiva freudo-lacaniana. Objetivamos caracterizar a realidade virtual e compreender as implicações dela no sujeito contemporâneo na medida em que ele se relaciona com esse o universo, na tentativa de responder se ocorreria, ou não, o acirramento das vicissitudes e dos desafios da subjetividade contemporânea. A partir de ideias de autores contemporâneos que versam sobre a subjetividade e sobre a educação, fazendo também uma interface com alguns autores da cibercultura, delineamos dois novos sujeitos que surgem a partir dessa relação com a realidade virtual. Caracterizamos, ainda, a realidade virtual de forma a destacar traços singulares da ciberinfância, sob o viés psicanalítico. Além disso, encontramos pelo menos dois caminhos para a (des)constituição da subjetividade, sendo o primeiro a navegação e o segundo o naufrágio, pelos quais os sujeitos podem tentar enfrentar os desafios que a realidade virtual suscita e acirra na constituição subjetiva e na educação.

Palavras-chave: Psicanálise; Educação; Cibercultura

Trabalho selecionado para a JNIC: USP

Introdução

No presente trabalho, trouxemos reflexões acerca da relação do sujeito com a realidade virtual. Para tanto, delineamos um caminho que parte de proposições psicanalíticas acerca da constituição do sujeito, sobretudo no contexto neoliberal, afetado pelo declínio do grande Outro, a fim de articulá-las para que, em seguida, possamos discutir a constituição do sujeito diante da cibercultura. Mais adiante, propomos algumas hipóteses sobre o que entremeia a relação do sujeito com a realidade virtual, tal como possíveis implicações no seu processo de subjetivação e de educação.

Optamos fazer um caminho que parte de um passado recente, marcado pela condição do sujeito no contexto neoliberal, mobilizando as bases psicanalíticas deste estudo para culminar na articulação delas com concepções sobre cibercultura, e mais precisamente, sobre a realidade virtual, lançando mão autores contemporâneos que problematizam a subjetividade contemporânea.

Nesse sentido, tentamos colaborar com a reflexão sobre as possibilidades de constituição dos sujeitos oriundos da ciberinfância – os cibernatos, como concebemos neste trabalho – e de outros sujeitos que estão colocados diante da realidade virtual, concebidos, por sua vez, como os cibernaturalizados.

Tentamos ainda caracterizar a realidade virtual, em alguma medida, para que pudéssemos conjugá-la com os sujeitos da atualidade – dos nascidos na era “analógica” aos nascidos na era digital. Para possibilitar a expansão das reflexões sobre a nossa linha de pensamento, nos utilizamos de textos contemporâneos tangentes à problemática da pesquisa, sem perder de vista os fundamentos dos textos clássicos. Com efeito, chegamos a conclusões que possibilitaram a formulação de ideias sobre a temática pesquisada: encontrando os caminhos para a (des)constituição do sujeito, os instrumentos que estão envolvidos nesse processo, e as expectativas que o contexto virtual suscita.

Objetivamos caracterizar a realidade virtual e compreender as implicações no sujeito na medida em que se relaciona com esse universo, na tentativa de responder se ocorreria, ou não, o acirramento das vicissitudes e desafios da subjetividade contemporânea.

Metodologia

Adotamos como metodologia a pesquisa teórica bibliográfica, delineando um caminho que passa por três momentos: a condição do sujeito no contexto neoliberal, os princípios freudo-lacanianos da constituição do sujeito e, por fim, as implicações da realidade virtual na subjetividade contemporânea. Destacamos a utilização tanto de textos clássicos, da psicanálise e da educação, quanto de textos contemporâneos.

Resultados e Discussão

Dufour (2005) propõe que o declínio das grandes narrativas possibilitou o surgimento de um sujeito pós-moderno caracterizado, sobretudo, pelo empobrecimento simbólico. Esse processo de dessimbolização é também resultado da negação da diferença geracional que seria, dentro da perspectiva psicanalítica que propomos, fator preponderante na educação, pois, apenas reconhecendo uma diferença entre a adulto e a criança é que é possível que se disponham em uma posição transferencial – uma tentativa de transmitir o saber entre uma geração a outra. Com efeito, o sujeito pós-moderno é relegado à tarefa de fazer-se por si

próprio, isto é, empreender um autoengendramento. Entretanto, o sujeito não poderia fazer-se por si próprio pois, para a psicanálise, o bebê chega ao mundo sob um estado de necessidade e vai, a partir do outro, sendo constituído como sujeito (LAJONQUIÈRE, 1999). É, afinal, o outro que dá as primeiras palavras e fornece os dêiticos (DUFOUR, 2005), necessários para a introdução do bebê ao mundo - à cadeia simbólica -, além disso um outro que possibilitará que a criança entenda há limites estruturais e que existem leis que servem para todos, isto é, que o sujeito é finito, que sempre faltarão palavras na tentativa de apreensão do Real, e que todos são, em alguma medida, impotentes.

Neste ponto, diante da necessidade do sujeito pós-moderno de aderência a um lastro simbólico, por conta de uma carência que lhe é constitutiva, propomos que a realidade virtual deve constituir no sujeito estruturas simbólicas com vicissitudes ainda mais aprofundadas. Dessa vez, o mercado dita e atualiza contantes kits identificatórios (DUFOUR, 2005) aliados aos ideais culturais vigentes - entre estes últimos, destacamos o ideal cultural da adolescência proposto por Calligaris (2000) e o d'A criança, como produto do discurso científico, de Voltolini (2008).

Com a contribuição das reflexões de Lebrun (2004) e de Lévy (2009), elencamos algumas características que atribuímos à realidade virtual sobre a qual tratamos e a partir da qual propomos nossas ideias:

Primeiro, uma (oni)potência que está sempre se atualizando - um constante vir-a-ser sobre o qual, a partir de cada dispositivo conectado, temos um vislumbre da sua (oni)potência que, na medida em que possibilita aos sujeitos acessarem um pouco dessa "magia", faz com que queiram um pouco mais dela - de forma a tornar a vida mais soft, mais touch e mais conectada ao mundo. A realidade virtual, que não se trata de uma máquina circunscrita à miséria de seus próprios cálculos - como eram os primeiros gadgets que não tinham acesso à internet Lévy (2009) -, contém todos os dispositivos sem ser por nenhum deles contido.

A segunda característica do virtual é ser atualizante - que se encontra sempre em processo de se encontrar com o presente, sem nunca concluí-lo, e que, sem exageros, pretende se antecipar em relação ao futuro (simulações, previsões, projeções). E a característica atualizante tem sua contraparte, o atualizado - seja o sujeito ou dispositivo. E, para além da atualização do software do dispositivo, tenta atualizar o kit identificatório, o ideal cultural do qual falamos anteriormente.

Lévy (2009) cria uma analogia que ele chama de dilúvio informacional para ilustrar a situação na qual se encontra o sujeito em relação à cibercultura. Seguindo as perguntas que ele enuncia sobre o primeiro dilúvio "onde está Noé? O que colocar na Arca?", ele atribui aos adultos uma tarefa em relação a esse dilúvio informacional: temos que ensinar nossos filhos a nadar, a flutuar e, talvez, a navegar. Há dois entraves importantes nos quais temos que nos deter, ainda que brevemente. O primeiro é de que o dilúvio informacional não tem fim, o que nos leva a constatar que não haverá retorno às clássicas possibilidades de transmissão (do saber, da cultura) pois o que há no interior da arca, o que foi guardado para ser dito, só pode ser dito quando a poeira baixa - no ciberespaço a vazão informacional não tem um fim aparente, lida-se com um infinito imaginariamente acessível. O segundo é de que os outros - pais, escola, Estado - já se demitiram há algum tempo, como pudemos constatar através de Dufour (2005).

Lebrun (2004), ao tratar da condição do Simbólico na contemporaneidade, inaugura a ideia de que trata-se de um simbólico virtual - utilizando-se da palavra virtual como proposta por Lévy (2009), de algo "que só existe em potência, não em ato", mas que não se opõe à realidade mas à atualidade. O conjunto de informações sobre a sociedade, bens de consumo midiático e informacional, portais interativos sobre os mais diversos assuntos, jogos eletrônicos, os diversos serviços digitalizados (bancos, mercados, restaurantes, serviços públicos), constituem uma realidade que verdadeiramente não é (real) e que é, portanto, uma realidade virtual. Nesse contexto, o usuário, sujeito que se utiliza de um dispositivo - ancorado em determinada plataforma - para acessar o oceano do virtual, pode se tornar tanto um navegante quanto um naufrago. E trataremos dessas duas possibilidades a seguir.

A partir das ideias acima elencadas, em interface com a perspectiva psicanalítica que trabalhamos, identificamos dois sujeitos que compartilham características com o sujeito pós-moderno, mas são marcados por uma diferença geracional na forma como constituíram sua relação com a realidade virtual: o cibernato e o cibernaturalizado.

O primeiro é, em poucas palavras, a criança da cibercultura - que, na medida em que nasceu e cresceu sob influência e constante contato com as superfícies interativas, com o consumo através da realidade virtual e com a internet, busca no ciberespaço uma adolescência vindoura que, por sua vez, será trocada por outra ainda mais atual, sem nunca vir a se posicionar como adulto.

O segundo sujeito é aquele que nasceu em condições sem imersão nas novas cibertecnologias, tendo contato com elas em um momento posterior e que, embora possa ter tido acesso à televisão como terceiro parental (DUFOUR, 2005), é menos pobre simbolicamente em relação ao cibernato.

Delineamos pelo menos dois caminhos para estes sujeitos: o caminho do naufrágio e o caminho da navegação:

O primeiro caminho resulta em uma forma narcísica e autorreferenciada com a qual se pode lidar com redes sociais cujos algoritmos criam fluxos em bolhas narcísicas, jogos eletrônicos que se apoiam na lógica da customização, da repetição de mais do mesmo, e a vasta gama de aplicativos de autogestão. Essa situação condiciona o naufrago virtual a um universo fantasioso e excessivamente imaginário que tenta realizar (ou pelo menos vender) a ideia de que o autoengendramento deu certo.

O segundo caminho, da navegação, pode ser caracterizado pela tentativa de furar as bolhas virtuais, navegando contra as correntes algorítmicas - quando o sujeito tenta reconhecer o valor da alteridade ao fugir

das armadilhas de customização de conteúdos virtuais ou mesmo de grupos de redes sociais, entre outras armadilhas.

Conclusões

Diante das novas formas de dominação que o neoliberalismo cria, a fim de perpetuar sua empreitada em objetificar, para assim precificar, a tudo, o sujeito contemporâneo é colocado em uma armadilha cibernética, bem mais elaborada do que podemos desenhar. As cabeças foram reduzidas a avatares digitais e as experiências, por sua vez, a uma sequência infinita de interações, compartilhamentos de imagens, experiências de jogos eletrônicos, vídeos, e tudo que for possível injetar nesse fluxo, controlado algorítmicamente para colocar o sujeito diante da representação dos seus desejos. Tendo os objetos, sujeitos e experiências sido devidamente dessimbolizados – dissecados, desidratados de implicação subjetiva -, podem ser embalados no vácuo virtual e lançados nos mercados livres com quais nos deparamos enquanto navegamos e, mesmo no naufrágio (proeminentemente proposital), serviços são ofertados para que os sujeitos ilhados assim permaneçam – desfrutando de serviços digitais, acessando instituições desterritorializadas (bancos, prefeituras, escolas, trabalho).

Através da realidade virtual, o neoliberalismo pretende preencher o vão educativo (e simbólico) deixado pela renúncia dos adultos ao ato educativo - causada, por sua vez, pela negação da diferença geracional e pelo apoio do discurso científico – que acaba por intensificar a já inscrita lógica de consumo. Nesse movimento, tanto os sujeitos cibernatos, quanto os cibernaturalizados, têm suas vicissitudes acirradas e seu registro Simbólico cada vez mais empobrecido, na medida em que se habitua à realidade virtual. Nessa relação com mundo, intermediada pelo virtual, e na tentativa de autoengendrar-se, os sujeitos criam uma imagem excessivamente distorcida tanto de si próprios quanto da sociedade – produzindo sujeitos com profundas dificuldades de lidar com a alteridade e com qualquer traço de castração, de limites e de possibilidade de educação no sentido que propomos. Essa marca dessimbolizante que a realidade virtual acirra, ao pretender aprisionar o sujeito cibernato, ou mesmo o cibernaturalizado, em uma eterna adolescência, singulariza a ciberinfância.

Para a ilustração dos desafios para subjetividade contemporânea que a realidade virtual suscita, propomos que seja um oceano dominado cada vez mais por tubarões mercantis que tentam abocanhar fatias cada vez maiores do que restou de nossas almas, do Simbólico - por hipótese, o usuário final, o navegador doméstico, tem tanta noção do espaço no ou controle dos mecanismos que o engendram quanto um surfista teria em relação ao que existe no fundo do oceano, nossa deep web. Esse usuário pode ser um cibernaturalizado, pode ser um cibernato - quanto mais normalizado e menos problematizado for o uso das novas tecnologias, mais fáceis presas se tornarão os sujeitos que dela se utilizam.

Em meio à travessia pelo oceano virtual, Circe não cessa em oferecer a taça para Ulisses, as sereias dos anúncios não cessam em cantar, eis o grande desafio dos cibernautas: resistir às prisões narcísicas - dessa forma está caracterizada a novíssima forma de dominação pelo neoliberalismo.

Referências bibliográficas

ARENDRT, H. **A crise na educação**. In: Entre o passado e o futuro. Trad. Mauro W. Barbosa de Almeida. São Paulo: Editora Perspectiva, 2014. [1972]

BONDÍA, Jorge Larossa. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. Revista Brasileira de Educação, n. 19, jan./abr. 2002.

CALLIGARIS, Contardo. **A adolescência como ideal cultural**. In: A Adolescência. São Paulo: Publifolha, 2000.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. **A travessia da fantasia na neurose e na perversão**. Estud. psicanal., Belo Horizonte, n. 29, p. 29-37, set. 2006.

RUFFINO, Rodolpho. **A adolescência e o declínio da função social da imago paterna**. In: Textura Revista de Psicanálise. 5. ed., n. 5, 2005.

DOR, J. **A introdução à leitura de Lacan. O inconsciente estruturado como linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 1989.

DUFOUR, D. **A arte de reduzir as cabeças**. Trad. Sandra Regina Felgueiras. São Paulo: Companhia de Freud, 2005.

FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. São Paulo: Companhia das Letras, [1905] 2015. (Obras Completas, v. 6, 1a ed., tradução Paulo César de Souza).

FREUD, Sigmund. **Luto e melancolia: Sigmund Freud**. São Paulo. Cosac Naify, 2013. (Textos: Maria Rita Kehl, Modesto Carone. Tradução, introdução e notas: Marilene Carone.)

- LACAN, J. **Função e campo a palavra e da linguagem em psicanálise**. In . Escritos. São Paulo: Perspectiva, [1953] 2001.
- LACAN, J. **Livro 1: os escritos técnicos de Freud**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009
- LAJONQUIÈRE, L. **De Piaget a Freud: para repensar as aprendizagens: a (psico)pedagogia entre o conhecimento e o saber**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- LAJONQUIÈRE, L. **Infância e ilusão (psico)pedagógica: escritos de psicanálise e educação**. Rio de Janeiro: Petrópolis, 1999.
- LEBRUN, Jean-Pierre. **Um mundo sem limite: ensaio para uma clínica psicanalítica do social**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**.. São Paulo: Editora 34, 2009. (Trad. Carlos Irineu da Costa)
- MANNONI, M. **Uma educação pervertida. In: Educação impossível**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- MILLOT, C. **Freud antipedagogo**. Trad. Ari Roitman. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.
- VOLTOLINI, Rinaldo. **A escola e os profissionais d'A criança**. In: Formação de profissionais e a criança-sujeito, 7., 2008, São Paulo.
- VOLTOLINI, R. **Educação e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.